

UNIDADE DE VIDA

(palestra para seminaristas)

Breve introdução

O Decreto *Presbyterorum Ordinis* do Concílio Vaticano II, ao tratar no Cap. III, item I, da "Vocação dos presbíteros à perfeição", expõe uma característica importante da santidade sacerdotal: a **Unidade de vida** (n. 14). É interessante lembrar que são Josemaría Escrivá indicava como "fisionomia espiritual" própria dos fiéis do Opus Dei (leigos ou sacerdotes que procuram a santidade e o apostolado no meio do mundo), justamente a "unidade de vida".

Nesta palestra, após umas considerações básicas, focalizaremos três aspectos da unidade de vida:

- a união e harmonia entre virtudes humanas e sobrenaturais
- a união e harmonia entre piedade e doutrina
- a união entre vida espiritual e atividades (apostolado, estudo e trabalho, aspectos da vida cotidiana)

Considerações básicas

0.1 A unidade e harmonia entre os diversos aspectos da personalidade, do pensamento, da vida, da atuação, etc. de uma pessoa é sinal de maturidade humana e sobrenatural. É o que se expressa ao dizer "é um homem de uma só peça", quer dizer, que não é camaleônico (não muda de modo de pensar, agir, sentir, etc, conforme as circunstâncias), não é volúvel e infantil (não é alguém que carece de idéias, convicções e virtudes suficientemente assimiladas, e, por isso, qualquer problema ou dificuldade o derruba ou o faz mudar como um cata-vento), não tem dupla personalidade (não é um hipócrita, que finge e engana conforme as conveniências), etc.

0.2 Por isso, assim como na vida psíquica é uma "doença" o desdobramento, a cisão da personalidade, na vida moral e espiritual também é uma "doença" a falta de unidade de vida, o que são Josemaria chamava de "esquizofrenia espiritual": "Não pode haver vida dupla – dizia numa homilia –, não podemos ser como esquizofrênicos, se queremos ser cristãos (*Questões atuais do Cristianismo*, n. 114).

0.3 É evidente que, em Jesus, essa unidade era perfeita: tanto no seu "ser" (duas naturezas, numa só Pessoa, sendo ***perfectus Deus, perfectus homo***); como no seu agir. Era uma coerência absoluta em todas as circunstâncias. Precisaríamos de um livro inteiro para glosar com algum detalhe a unidade, a harmonia, a coerência de atitudes,

comportamentos e virtudes em Cristo. Aqui não é possível fazê-lo. Mas, pelo menos, que o que acabamos de acenar nos sirva para lembrar que temos de assimilar o seu exemplo (na base de ler, estudar e meditar muito o Evangelho), com a maior perfeição possível.

1. Unidade harmônica entre virtudes humanas e virtudes sobrenaturais

1.1 Como diz D. Álvaro del Portillo, no prólogo do livro *Sulco*, "As virtudes humanas [...] formam, com as virtudes sobrenaturais e os dons do Espírito Santo, o entrançado da vida diária dos filhos de Deus. A graça penetra a natureza no mais íntimo, para sará-la e divinizá-la".

A graça, porém, não pode sarar e divinizar o que não existe. Entendamo-nos. A alma existe, logicamente, a natureza humana existe, mas as virtudes sobrenaturais pressupõem o alicerce das virtudes humanas sólidas (por exemplo, quem não tiver cultivado – com a ajuda da graça atual – a virtude humana da fortaleza, não poderá acolher e "atualizar" – por falta, ou por fraqueza, de base – a virtude infusa da fortaleza e o correspondente dom do Espírito Santo).

Quer dizer que a base humana de personalidade, constituída pelas virtudes humanas, é necessária para que a graça, as virtudes infusas e os dons do Espírito Santo caiam em "boa terra", e possam dar frutos sobrenaturais de santidade e de eficácia apostólica. Sem virtudes humanas, o "organismo sobrenatural" da graça, virtudes infusas e dons (Garrigou-Lagrange) é como um corpo sem coluna dorsal; é como um amontoado de bom material de construção que, por falta de alicerces e estruturas, se perde.

1.2 O *Catecismo da Igreja Católica* é bem claro neste ponto. Começa lembrando que "as *virtudes humanas* são atitudes firmes, disposições estáveis, perfeições habituais da inteligência [p.e. prudência] e da vontade [p.e. constância] que regulam nossos atos, ordenando as nossas paixões e guiando-nos segundo a razão e a fé. Propiciam assim facilidade, domínio e alegria para levar uma vida moralmente boa..." (n. 1804), e "permitem às pessoas não só praticar atos bons, mas dar o melhor de si" (n. 1803).

A seguir, afirma que essas "virtudes morais [ou humanas] são adquiridas humanamente. São os frutos e os germes de atos moralmente bons..." (n. 1804).

E aborda o tema da sua relação com as virtudes sobrenaturais: "As virtudes humanas adquiridas pela educação, por atos deliberados e por uma perseverança sempre retomada com esforço, são purificadas e elevadas pela graça divina [...]. Não é fácil ao homem ferido pelo pecado manter o equilíbrio moral. O dom da salvação de Cristo nos concede a graça necessária [...]. Cada um deve sempre pedir essa graça de luz e de fortaleza, recorrer aos sacramentos, cooperar com o Espírito Santo, seguir seus apelos de amar o bem e evitar o mal" (nn. 1810 e 1811).

1.3 Fica clara, pois, a necessidade do empenho por adquirir as virtudes humanas e, ao mesmo tempo, o empenho por empregar os meios sobrenaturais necessários para alcançar a graça. Virtudes humanas e sobrenaturais devem crescer em harmonia, inseparáveis. E isso faz pensar muito.

1.4 Na formação dos futuros sacerdotes, a falta de "estrutura humana" de virtudes é um perigo grave. Sem as virtudes humanas, a fé, o fervor da caridade pastoral, a piedade, as idéias teóricas, podem ficar frágeis e inconsistentes. Uma tormenta as derrubará. Não estará aí – na falta do cultivo das virtudes humanas – a causa oculta de algumas crises e defecções "aparentemente" inexplicáveis? Como quando uma casa afunda porque águas subterrâneas cavaram um grande buraco junto dos alicerces.

De fato, há momentos na vida do seminarista e do sacerdote em que, sinceramente, não pode pensar que vai resolver tudo só com fé, com a oração ou (pior ainda) com uma força de vontade que não têm, porque não a cultivou. Fé, sim, oração, sim. Sem elas, nada feito... Mas, Deus pede também que lutemos por conquistar as virtudes da coragem, sinceridade, fortaleza, disciplina, autodomínio, paciência, etc. Sem isso, estamos desarmados. "Não pensemos que há de valer alguma coisa a nossa aparente virtude de santos, se não estiver unida às comuns virtudes de cristãos. – Seria o mesmo que adornar-se com esplêndidas jóias sobre roupa de baixo" (*Caminho*, n. 409).

1.5 Daí que, também em *Caminho* (n. 19), se diga: "Vontade. É uma característica muito importante. Não desprezes as pequenas coisas, porque, através do contínuo exercício de negar e negares-te a ti próprio nessas coisas - que nunca são futilidades nem ninharias -, fortalecerás, virilizarás, com a graça de Deus, a tua vontade, para seres, em primeiro lugar, inteiro senhor de ti mesmo. – E depois, guia, chefe, líder! - que prendas, que empurres, que arrastes, com o teu exemplo e com a tua palavra e com a tua ciência e com o teu império".

1.6. Já no Decreto *Optatam totius* do Concílio Vaticano II sobre a formação sacerdotal, se diz: "Mediante uma educação sabiamente ordenada, cultive-se nos estudantes também a devida madureza humana, comprovada sobretudo por certa estabilidade de alma, certa capacidade de decidir com ponderação e julgar com justiça acontecimentos e pessoas. Habituem-se os alunos a formar corretamente o seu próprio caráter. Adquiram a fortaleza de alma e, de modo geral, aprendam a ter apreço por aquelas virtudes que entre os homens são altamente consideradas e que muito recomendam o ministro de Cristo, como são a sinceridade de alma, o diligente cuidado pela justiça [língua, mexerico!], a fidelidade às promessas [constância, perseverança, cumprir o dever e a palavra dada, por duro que seja], polidez no agir [educação! boas maneiras!] e uma linguagem modesta e caridosa" (n. 11).

1.7 Por seu lado, a Exortação Apostólica pós-sinodal *Pastores dabo vobis*, sobre a Formação Sacerdotal (29/03/1992) insiste neste tema. No cap. V, item I, ao falar das "Dimensões da formação sacerdotal", começa por falar da "Formação humana, fundamento de toda a formação sacerdotal", e cita a *Propositio 21* dos Padres sinodais: "Sem uma oportuna formação humana, toda a formação sacerdotal ficaria privada do seu necessário fundamento" (n. 43). E a razão fundamental, continua a dizer, é que o presbítero está chamado a ser "imagem viva de Jesus Cristo" e, por isso, "deve procurar refletir em si mesmo, na medida do possível, aquela perfeição humana que resplandece no Filho de Deus feito homem". Daí a necessidade de que "ele modele a sua personalidade humana de modo a torná-lo ponte e não obstáculo para os outros" (n. 43).

1.8 Entre outras virtudes, essa Exortação pós-sinodal cita: "a maturidade afetiva, resultante de uma educação para o amor verdadeiro e responsável" e afirma que o fato de estar chamado a ser responsável por uma comunidade "exige que o sacerdote não seja arrogante nem briguento, mas afável, hospitaleiro, sincero nas palavras e no coração, prudente e discreto, generoso e disponível para o serviço [...], pronto a compreender, perdoar e consolar" (n. 43).

Diz ainda a *Pastores dabo vobis*, com palavras dos Padres sinodais, que "a maturidade humana do sacerdote deve incluir especialmente a formação da sua consciência" (n. 44). Estamos perante um tema de suma importância, que agora seria impossível abordar com a profundidade que merece: fica pendente para uma próxima palestra.

1.9 Como uma ajuda para a reflexão e o exame de consciência, parece-me oportuno acrescentar algumas das virtudes humanas que – além das já citadas anteriormente – recomendava especialmente são Josemaria Escrivá, grande formador de centenas de sacerdotes: a humildade, a simplicidade, a lealdade, a naturalidade, a laboriosidade, o otimismo, a firmeza, a coragem e a alergia. E ainda: a responsabilidade, a generosidade, a tenacidade, a discricção, a magnanimidade, etc.

2. Unidade harmônica entre piedade e doutrina

1.1 Sobre este segundo aspecto da unidade de vida e o seguinte (união entre vida espiritual e atividades) – que são temas abrangentes e de múltiplos aspectos – , hoje só vamos considerar alguns pontos mais essenciais, deixando para futuras palestras uma exposição mais ampla e aprofundada. De fato, na palestra de hoje desejava sublinhar a importância, a necessidade – não raramente esquecida na formação dos seminaristas – da "primeira unidade harmônica": a das virtudes humanas e as sobrenaturais.

2.2 Da mesma forma que um seminarista com muita fé que carecesse de virtudes humanas seria um "beato", igualmente, um seminarista piedoso que não tivesse uma piedade alicerçada na doutrina, seria também um "beato". A mesma inconsistência e fragilidade que têm as virtudes sobrenaturais sem a base das virtudes humanas, tem a piedade sem a base da doutrina. Um seminarista não pode ter as suas orações e devoções – para citar são Josemaria – como "manifestações do sentimentalismo ineficaz, vazio de doutrina, empanturrado de pietismo" (*É Cristo que passa*, n. 163).

2.3 A piedade é relação filial, amorosa, de amizade, de intimidade, com Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo; é relação filial com nossa Mãe, Maria Santíssima, é comunhão de amizade e amor com os anjos e santos, etc. Ora, ninguém pode amar bem nem ganhar intimidade com aqueles a quem não conhece.

Como diz são Josemaría: "O empenho em adquirir essa ciência teológica – a boa e firme *doutrina cristã* – deve-se em primeiro lugar ao desejo de conhecer e amar a Deus. Ao mesmo tempo, é consequência da preocupação geral da alma fiel por descobrir o significado mais profundo do mundo, que é obra do Criador" (*É Cristo que passa*, n. 10).

2.4 Por isso, a verdadeira piedade é aquela que se alimenta das verdades da fé, da doutrina católica, e não de sentimentos ou emoções epidérmicas e sem conteúdo, que acabam sendo procuradas por si mesmas e não por Deus. Quantos fiéis não há que, sem terem doutrina nem vida moral correta, suspiram e choram com manifestações emocionais de piedade; manifestações às vezes mais supersticiosas que piedosas; e quase sempre vazias de verdadeiro amor, dado que essa piedade não se traduz no desejo eficaz de "agradar a Deus", fazendo o "sua vontade". E este é, afinal, o teste de autenticidade da piedade, por ser o teste da autenticidade do amor.

Ninguém, de fato, pode-se unir a Deus com um amor verdadeiro sem o propósito firme de se identificar com a Vontade dEle, procurada, querida e amada ("Se me amais, guardareis os meus mandamentos": Jo 14, 15). Ora, isso é impossível se não se coloca empenho em conhecer a fundo qual é a Vontade de Deus, se não há empenho em ouvir, entender e aprofundar na sua Palavra, em suma, em adquirir doutrina.

2.5 Isso exige do seminarista e do padre uma assimilação da doutrina teológica (com um interesse crescente e vibrante por aprofundar nela ao longo da vida inteira) movida não, como um estudante comum, pelo desejo de aprender, de saber e de passar nas provas – vale a pena repisar isso – mas com ânsias amorosas de conhecer a Deus. Então, a doutrina da fé é meditada com gosto, com fome; faz-se oração com ela; o Espírito Santo dá luzes para entendê-la melhor, e se cria um "círculo virtuoso": o estudo da doutrina feito e meditado com amor a Deus acende a piedade, e a piedade nos obtém

luzes do Espírito Santo para assimilarmos mais a fundo essa mesma doutrina..., num maravilhoso processo sem fim, que só termina com a visão da Trindade na Glória.

2.6 Esta é uma convicção que a Exortação pós-sinodal *Pastores dabo vobis*, quer inculcar fortemente: "A formação intelectual teológica e a vida espiritual, particularmente a vida de oração, encontram-se e reforçam-se mutuamente, sem nada tirar nem à seriedade da investigação, nem ao sabor espiritual da oração" (n. 53). Na realidade, os únicos bons teólogos são os santos ou os homens que sabem valorizar, acima do estudo, a oração e um intenso trato com Deus.

2.7 Para viver essa responsabilidade, é muito conveniente aconselhar-se sobre leituras espirituais sólidas e sobre textos para a oração mental, para aprofundar e meditar, a começar pelo *Catecismo da Igreja Católica* e pelos documentos do Magistério (pensemos, p.e., na Encíclica *Dives in misericordia*, ou na *Veritatis Splendor*, ou nas *Cartas Novo millennio ineunte*, *Rosarium Virginis Mariae* e *Ecclesia de Eucharistia*, etc, etc.

3. União harmônica entre vida espiritual e atividades

3.1 O Decreto conciliar *Presbyterorum Ordinis* (n. 14) pergunta-se "como [os presbíteros] poderão harmonizar, numa unidade, a sua vida interior com o ritmo da ação externa", e responde que isso será possível se "os Presbíteros seguirem, no exercício do ministério, o exemplo de Cristo Senhor, cujo alimento era cumprir a Vontade d'Aquele que o enviara para levar a termo a sua obra (cf Jo 4,34)".

3.2 Recordemos o que comentávamos no item anterior: a piedade, o amor a Deus, leva ao cumprimento da sua Vontade em tudo. Isto é identificação com Cristo. Só então há uma unidade de vida. Faça o que fizer, o seminarista ou o padre estará sempre pendente de Deus, amando a Deus, dando uma resposta a Deus que "nos espera cada dia [...] nas situações mais comuns" (São Josemaria: *Questões atuais do Cristianismo*, n. 114). É claro que, sem uma vida interior forte e constante, tudo isso fica sendo apenas uma bela teoria

3.3 Por isso, só levando a sério a vida espiritual, com exigência pessoal, é que adquiriremos o "espírito contemplativo" que nos leve a estar perto de Deus, a viver a presença de Deus em todas as circunstâncias, a descobrir esse "algo de santo, de divino, escondido nas situações mais comuns" (*Questões atuais, ib.*), e a dar-lhe a resposta que Deus espera com a nossa conduta, as nossas reações e atitudes.

3.4 Então, sim, o trabalho pastoral santifica, a nós e aos fiéis que estão aos nossos cuidados. Como dizia São Josemaria, deve chegar um momento em que todas as atividades – ascéticas (luta espiritual), apostólicas, pastorais, pequenezes da vida

cotidiana – se integrem numa "unidade de vida simples e forte, que crie em nós a necessidade e como que o instinto sobrenatural de purificar todas as ações, de elevá-las à ordem da graça, de santificá-las e de convertê-las em instrumento de apostolado".

"Cumprir a vontade de Deus no trabalho – dizia – , contemplar Deus com o trabalho [estudo, trabalho pastoral, etc.], trabalhar por amor a Deus e ao próximo, converter o trabalho [qualquer um, mesmo o trabalho burocrático do expediente paroquial, ou do arquivo] em meio de apostolado, dar às coisas humanas [descanso, esporte, conversas de amigos, passeio, etc.] um valor divino: esta é a unidade de vida, simples e forte, que devemos ter e ensinar" (*Carta*, 11/03/1940).

E, de maneira sintética, sentenciava: "Ou sabemos encontrar o Senhor na nossa vida de todos os dias, ou não o encontraremos nunca" (*Questões atuais do Cristianismo*, n. 114).

3.5 Naturalmente, esse ideal exige: plano de vida espiritual constante e sério; o cultivo de uma intensa presença de Deus (muitas jaculatórias, atos de amor e desagravo, oferecimentos, pequenas mortificações...), que leve a dirigir para Deus mesmo as coisas mais triviais como oferendas de amor e petições pelo apostolado; exige "fazer oração" – tratar intimamente com Deus – sobre as nossas tarefas, sobre o apostolado, sobre as pessoas que queremos ajudar, sobre as nossas dificuldades, sobre os nossos planos pastorais, etc. Deste modo, a "vida contemplativa" acaba unificando tudo. Como Marta, fazemos "muitas coisas", ao mesmo tempo que estamos, na realidade, fazendo "uma só coisa, a única necessária", como Maria (Lc 10, 41-42).

Consideração final

Como um pequeno resumo do anteriormente exposto, poderíamos usar a seguinte comparação:

Os três conjuntos harmônicos de virtudes humanas e virtudes sobrenaturais; piedade e doutrina; e vida espiritual e atividades, podem ser comparados a três raízes poderosas , que dão firmeza e vitalidade à grande árvore da vida do seminarista e do sacerdote. E a árvore que está firmada nessas três raízes:

- dá fruto abundante
- está preparada para resistir a todos os embates e tormentas